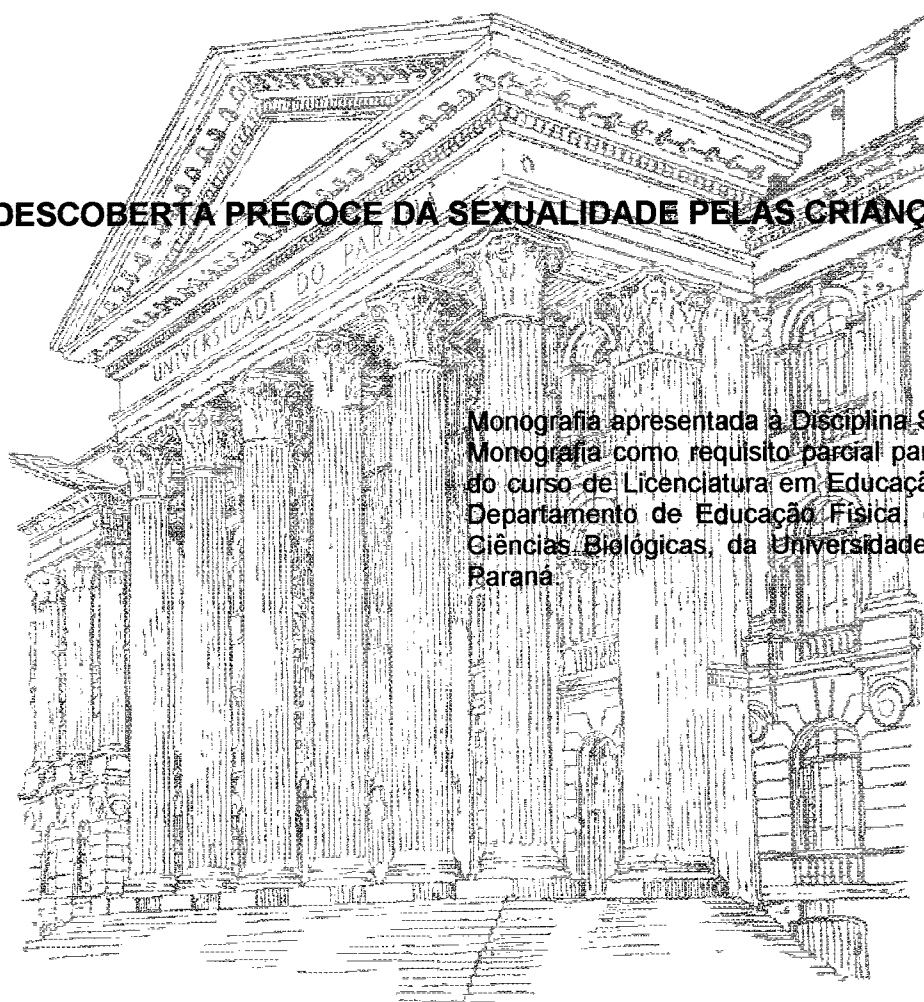


KELLY CRISTINA POLLI

A DESCOBERTA PRECOCE DA SEXUALIDADE PELAS CRIANÇAS



Monografia apresentada à Disciplina Seminário de Monografia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná

**Curitiba
2002**

KELLY CRISTINA POLLI

A DESCOBERTA PRECOCE DA SEXUALIDADE PELAS CRIANÇAS

Monografia apresentada à Disciplina
Seminário de Monografia como requisito
parcial para conclusão do curso de
Licenciatura em Educação Física, do
Departamento de Educação Física, do Setor
de Ciências Biológicas, da Universidade
Federal do Paraná

Orientador: Humberto Luís de Deus Inácio
Co-orientadora: Sabrina Navarro

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os colegas educadores e também aos Pais preocupados com a educação e desenvolvimento de seus filhos.

Assim como está em nós a semente da Vida,
Também está a semente da Educação.
Quando educamos com uma atitude positiva e consciente,
Estamos educando para o Amor,
E para um desenvolvimento saudável.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Ivone e Julio, que estiveram ao meu lado me acompanhando e auxiliando nessa caminhada, pois sem eles eu não teria chegado tão longe.

Ao meu filho Victor que me ensinou a seguir em frente e não desistir, mesmo quando eu estava mais perdida e que soube esperar e me abraçar sempre que precisei.

Ao Professores que me mostraram e ensinaram a gostar das pesquisas, me mostrando a necessidade de saber sempre mais...

Aos meus grandes e verdadeiros amigos que conquistei, que, cada um do seu jeito todo especial, me contagiaram com a alegria e me mostraram que viver vale a pena.

Ao meu namorado Bruno que ouviu meus lamentos e acariciou a minha cabeça, Passando-me calma e tranquilidade, estando ao meu lado nos meus momentos de dificuldade.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
1 – INTRODUÇÃO	01
1.1 – PROBLEMA	03
1.2 – JUSTIFICATIVA	03
2 – REVISÃO DE LITERATURA	06
2.1-GÊNERO NA SEXUALIDADE	08
2.2 – CONCEITOS GERAIS	11
2.3 – CONHECENDO A SEXUALIDADE INFANTIL	12
2.4 – ADOLESCÊNCIA E PUBERDADE	14
2.4.1 – CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS FATORES DETERMINANTES DO FENÔMENO DA ADOLESCÊNCIA	16
2.4.2 – OUTRAS TRANSFORMAÇÕES DA PUBERDADE E EFEITOS PSICOSSOCIAIS	18
2.5 – MATURAÇÃO SEXUAL	18
2.5.1 - ALGUNS EFEITOS PSICOLÓGICOS DA MATURAÇÃO SEXUAL PRECOCE E TARDIA	19
3 – METODOLOGIA	21
3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
3 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS	24

RESUMO

O presente estudo se encaminha por meio de uma pesquisa bibliográfica e tem como objetivo mostrar que as crianças estão cada vez mais cedo descobrindo a sexualidade genital. A questão da sexualidade humana é um tema presente nas ciências em geral. Está também presente nos discursos institucionais e, principalmente, no campo da Educação. Através de alguns autores como LOURO, SCOTT, NAVARRO, CAMPOS e BRAGA, dentre outros, procurou-se mostrar a importância de abrir uma discussão sobre o assunto, pois percebe-se que o tempo de maturação sexual está sendo atropelado pelas mudanças acarretadas pelos estímulos externos fazendo com que as crianças experimentem múltiplas situações referentes à sexualidade em um estágio evolutivo, teoricamente, não apropriado.

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como escopo alertar sobre a sexualidade e a sua descoberta precoce pelas crianças.

A questão da sexualidade humana é um tema presente nas ciências em geral. Está também presente nos discursos institucionais e, principalmente, no campo da Educação. Vivemos a “redescoberta” da sexualidade do ser humano e torna-se necessário falar sobre as conseqüências advindas dessa questão e que afetam a humanidade de forma ainda desconhecida.

A Sexualidade pode ser um motor para nossas ações, atitudes, sentimentos e vínculos com os outros, e por isso, saber sobre sexualidade é saber sobre nós mesmos.

A Organização Mundial de Saúde considera a Saúde Sexual como “a integração dos aspectos somáticos, afetivos e intelectuais do ser sexuado de modo que dele derive o enriquecimento e o desenvolvimento do ser humano, a comunicação e o amor próprio. (VERDIER, 2001)

As gerações anteriores eram muitas vezes punidas e repreendidas caso mencionassem ou quisessem saber algo a respeito da sexualidade. A atual bombardeada pela estimulação precoce e erotização existente na mídia, nas músicas e nas vestimentas destinadas às crianças. Isso faz com que as crianças cada vez mais cedo descubram a sexualidade genital e podem chegar até a relação sexual propriamente dita. Despreparadas, pois, não tem condições emocionais e nem maturidade para isso, despertando um alto nível de ansiedade.

Analisando o comportamento de crianças percebe-se a gradativa influência da mídia que tem acelerado mudanças no comportamento sexual, refletido no conjunto dos valores sociais, nas manifestações artísticas e culturais (músicas, cinema), nas variações da moda, nas formas de relacionamento entre os indivíduos, nos papéis de homens e mulheres na sociedade, na facilidade do acesso aos métodos contraceptivos e no crescimento da indústria do sexo.

A sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política, como cita LOURO (1999), “ela é ”aprendida”, ou melhor, é construída ao longo de toda a vida, de muitos modos por todos os sujeitos”. Sendo assim, todos são responsáveis pelas mudanças ocorridas.

Quando se pensa em educação sexual na infância, automaticamente deve-se pensar em desenvolvimento emocional, levando-se em conta o nível de maturidade emocional das crianças. É importante que as questões da criança tenham espaço para serem respondidas com clareza, simplicidade e na medida em que essa curiosidade vai se dando. Às vezes no desespero de se livrar logo do assunto e na ansiedade os pais disparam-se a falar além da necessidade da criança na tentativa, muitas vezes frustrada, de que nunca mais vão precisar falar no assunto. O excesso de informações gera ansiedade e depressão, pois muitas vezes a criança não está preparada para saber detalhes sobre uma relação sexual, então devemos responde-la de maneira simples, clara e objetiva, satisfazendo sua curiosidade.

Como pais e professores, são os principais responsáveis pela educação sexual de seus respectivos filhos e alunos, faz-se necessário atenção especial aos valores que são passados ou “repassados”. Na Educação escolar, os professores têm uma responsabilidade a mais, que é a educação de muitas outras crianças, filhos de muitos outros pais. A maioria dessas crianças passa mais tempo dentro da escola do que com seus próprios pais, pois a “vida moderna” faz com que grande parte das pessoas tenha que trabalhar cada vez mais para poder dar uma melhor condição de vida para seus filhos, deixando a cargo da Escola a sua educação. Essa educação acaba sendo feita pela equipe escolar e pelos colegas de turma.

1.1 – PROBLEMA

A descoberta precoce da sexualidade pelas crianças.

1.2 – JUSTIFICATIVA

Cada vez está mais evidente a sexualidade precoce em pré-adolescentes.

A exposição da criança à exploração comercial, a propaganda e a mídia em geral têm feito uso abusivo da sexualidade, impondo valores discutíveis e transformando-a em objeto de consumo. A mídia assume relevante papel, ajudando a moldar visões e comportamentos. Ela veicula imagens eróticas, que estimulam crianças e adolescentes, incrementando a ansiedade e alimentando fantasias sexuais. Isso faz com que mais cedo essas crianças entrem no mundo do sexo, muitas vezes nem sabendo quais as conseqüências dessa nova descoberta.

Sem que demos conta, estamos educando sexualmente nossas crianças desde que nascem. Conscientemente ou não, voluntariamente ou não, as atitudes dos professores influenciam na aprendizagem sexual dos estudantes.

É durante as aulas de Educação Física que isso fica mais evidente, pois é nessa prática que as atitudes dos alunos estão mais descontraídas. As aulas mistas, de Educação Física podem dar oportunidade para que os meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, e não reproduzirem, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias.

O professor que mantém contato direto com a criança, torna-se um elemento decisivo na sua formação, pois será ele a pessoa que vai veicular idéias, percepções e conceitos formados sobre a adequação ou não do comportamento dos seus alunos. Também é dever do professor de Educação Física alertar seus alunos sobre esse novo mundo, pois na atualidade um número significativo de adolescentes vem sendo privados de seus estudos, de suas atividades, de seus projetos de vida, de seus sonhos, para atender a difícil tarefa de ser mãe ou pai, às vezes, por falta da informação correta, que, por muitas vezes os pais não as dão ou ainda, por falta de conhecimento ou vergonha de lidar com o assunto.

Na escola o tema acaba sendo ignorado ou ocultado, por medo da crítica familiar e social. Mas muitas vezes os professores não estão preparados para lidar com o assunto, sendo assim, os educadores devem se preparar para durante suas práticas escolares lidar com esses comportamentos de maneira a levar a conscientização, pois a escola serve como transmissor dos valores sociais.

Na família são internalizados os conceitos permitidos pela sociedade. Pai e mãe repassam conceitos para os filhos sem refletir. Para buscar alternativas para as questões da sexualidade é necessário identificar como ocorre a socialização estereotipada através dos mecanismos ideológicos¹ que envolvem a família.

O papel sexual que a criança vai desempenhar será punido ou reforçado, segundo a cultura e o contexto social no qual ela está inserida.

Ao questionar tabus e preconceitos ligados à sexualidade e trabalhar com conhecimentos e informações que visam à promoção do bem-estar e da saúde, o trabalho de Orientação Sexual se entrelaça com objetivos e conteúdos contemplados também nos outros temas transversais como Ética, Saúde, Pluralidade Cultural.

A partir de observações realizadas nas escolas onde fiz estágios, percebeu-se a evidência da sexualidade precoce entre os pré-adolescentes, e também uma alta incidência de gravidez indesejada entre adolescentes em idade escolar.

De acordo com os PCNs – Temas Transversais (1998,), a discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio vêm se intensificando desde a década de 70, provavelmente em função das mudanças comportamentais dos jovens dos anos 60, dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade. Com diferentes enfoques e ênfases, há registros de discussões e de trabalhos em escolas desde a década de 20. A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou em virtude da preocupação dos educadores com o grande crescimento da incidência de gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da infecção pelo vírus HIV (vírus da Aids²) entre os jovens.

¹ Ideologia é a maneira de pensar característica de um indivíduo ou de uma classe, dentro de suas convicções filosóficas, religiosas, sociais e políticas. (AULETE, 1970)

² Aids ou SIDA é a sigla correspondente à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. É um conjunto de sintomas ligados à perda das defesas do organismo. O HIV pode ser transmitido através da entrada, na corrente sanguínea de fluidos sexuais, sangue ou leite materno contaminados.

Na discussão das doenças sexualmente transmissíveis/Aids o enfoque precisa ser coerente com isso e não acentuar a ligação entre sexualidade e doença ou morte. As informações sobre as doenças devem ter sempre como foco a promoção da saúde e de condutas preventivas, enfatizando-se a distinção entre as formas de contato que propiciam risco de contágio daquelas que, na vida cotidiana, não envolvem risco algum. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b).

Não se pode desperdiçar a oportunidade de abordar o tema quando algo a ele referente é trazido pelos próprios alunos, ou é vivido pela comunidade escolar. Também aqui se faz particularmente importante o levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre as DSTs³/Aids, pois, além de ser um princípio didático fundamental, se constata a existência de um grande volume de informações errôneas e equivocadas sobre elas. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b).

O indispensável é incorporar a mentalidade preventiva e praticá-la sempre. Todos na escola – direção, orientação, corpo docente, funcionários e alunos – devem estar conscientes de que a prevenção é um ato de rotina, presente no cotidiano da escola, envolvendo todas as situações e todas as pessoas, sem distinção.

Não devemos só pensar nas DSTs, mas também na formação psicológica das crianças para que elas possam, no futuro, exercer sua sexualidade com responsabilidade e respeito.

O motivo principal do nascimento deste trabalho foi a preocupação que tive após observar que as crianças, principalmente as meninas, estão cada vez mais cedo entrando na vida sexual ativa, e que nós educadores temos obrigação de dar subsídios para que se for inevitável esse ingresso, que seja feito com mais segurança, responsabilidade, cuidado e respeito consigo e o parceiro.

³ DST's, sigla utilizada para denominar Doenças Sexualmente Transmissíveis.

2 – REVISÃO DE LITERATURA

A sexualidade é algo inerente à vida, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes em uma sociedade democrática e pluralista. A Orientação Sexual Inclui a importância da prevenção das DSTs/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, em outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b).

Ao longo de nossas vidas vamos aprendendo a expor a nossa sexualidade e vamos nos expressando de modo diferente em cada fase evolutiva e em relação ao que já vivemos em outros momentos.

As questões referentes à sexualidade não se restringem ao âmbito individual. Pelo contrário, para compreender comportamentos e valores pessoais é necessário contextualizá-los social e culturalmente. É nas relações sociais que se definem, por exemplo, os padrões de relação de gênero, o que homens e mulheres podem e devem fazer por serem homens e mulheres, e, principalmente, quais são e quais deverão ser os direitos de cidadania ligados à sexualidade e à reprodução. O alto índice de gravidez indesejada na adolescência, abuso sexual e prostituição infantil, o crescimento da epidemia da Aids, a discriminação das mulheres no mercado de trabalho, são algumas das questões sociais que demandam posicionamento em favor de transformações que garantam a todos a dignidade e a qualidade de vida, que desejamos e que estão previstas pela Constituição brasileira.

As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são respostas habituais dadas por profissionais da escola, baseados na idéia de que a sexualidade é assunto para ser lido apenas pela família. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998b). Mas é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professores. Os professores precisam se mostrar disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma direta e esclarecedora, exceção feita às informações que se referem à intimidade do educador. As informações corretas são

fundamentais para o bem-estar e tranquilidade da criança, para uma maior consciência de seu próprio corpo, elevação da auto-estima e, portanto, melhores condições de prevenção das DSTs, gravidez indesejada e abuso sexual, e o professor de Educação Física muitas vezes é o que tem mais intimidade com os alunos e ocupa um papel importante nessa questão.

Pode-se afirmar que é na família, com gestos, palavras e comportamentos dos pais, que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais vai construindo e expressando a sua sexualidade. Existem outros agentes sociais e milhares de estímulos que farão parte desse processo, como outras crianças, jovens e adultos – ao expressar sua sexualidade ensinam coisas, transmitem conceitos e idéias, tabus, preconceitos e esteriótipos, que vão se incorporando à educação social.

A mídia ajuda a moldar visões e comportamentos. Também informa, veicula campanhas educativas, que nem sempre são dirigidas e adequadas a esse público. Muitas vezes também moraliza e reforça preconceitos. Ao ser elaborada por crianças e adolescentes, essa mescla de mensagens pode acabar produzindo conceitos e explicações tanto errôneos quanto fantasiosos. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b), por isso deve-se sempre estar atentos ao tipo de programação que a criança assiste.

De acordo com LOURO (1999),

a evidência da sexualidade na mídia, nas roupas, nos shopping-centers, nas músicas, nos programas de TV, em outras múltiplas situações experimentadas pelas crianças e adolescentes vem alimentando o que alguns chamam de “pânico moral”. No centro das preocupações estão os pequenos. Paradoxalmente, as crianças são ameaçadas por tudo isso e, ao mesmo tempo, consideradas muito “sabidas” e, então, “perigosas”, pois passam a conhecer e a fazer, muito cedo, coisas demais. Para muitos, elas não são, do ponto de vista sexual, “suficientemente infantis”.

As expressões da sexualidade, assim como a intensificação das vivências amorosas, são aspectos centrais na vida dos adolescentes. A sensualidade e a “malícia” estão presentes nos seus gestos, nas roupas que usam, na música que produzem e consomem, na produção gráfica e artística, nos esportes e no humor por eles cultivado. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998b)

2.1 - GÊNERO NA SEXUALIDADE

Nas questões mais diretamente ligadas à sexualidade humana, a perspectiva de gênero está inevitavelmente presente. É preciso até fazer esforço para poder ignorá-la.

De acordo com BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, (1998 b):

o conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença, historicamente, tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas relacionada ao gênero.

Segundo SCOTT 1990, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais e criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e as mulheres”. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. “Gênero” é segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado, e ainda o “gênero” é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder.

Atualmente, reivindica-se a inclusão da categoria de gênero, assim como etnia, na análise dos fenômenos sociais, com o objetivo de retirar da invisibilidade as diferenças existentes entre os seres humanos que, por vezes, encobrem discriminações. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b).

É inegável que há muitas diferenças nos comportamentos de meninos e meninas. Reconhecê-las e trabalhar para não transformá-las em desvantagens é papel de todo educador. É por isso que o trabalho sobre relações de gênero tem como propósito combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação. Desde muito cedo são transmitidos padrões de comportamento diferenciados para

homens e mulheres. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano e que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. Como exemplo comum, pode-se lembrar a repressão das expressões de sensibilidade, intuição e meiguice nos meninos ou de objetividade e agressividade nas meninas. As diferenças não precisam ficar aprisionadas em padrões preestabelecidos, mas podem e devem ser vividas a partir da singularidade de cada um. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b). Nas aulas de Educação Física, por exemplo todos devem ter o mesmo incentivo para as práticas corporais.

Como um dos primeiros aspectos ligados ao gênero na escola, constata-se que o relacionamento dos alunos entre si evolui do agrupamento espontâneo das crianças em “clubes do Bolinha e da Luluzinha”, passando pelas amizades “exclusivas” (em geral do mesmo sexo), até a aproximação entre meninos e meninas, determinada pela busca do conhecimento do outro.

Com a puberdade há maior entrosamento e atração entre eles. Essa aproximação não se dá sem conflitos, medos e por vezes agressões de diferentes intensidades. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b).

Na temática de relações de gênero, os conteúdos não se referem fundamentalmente a concepções que embasam atitudes e ações nas relações humanas cotidianas: a equidade entre os sexos, a flexibilização dos padrões de comportamento e o questionamento das estereotipias ligadas ao gênero. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b).

A questão de gênero se coloca em praticamente todos os assuntos trabalhados pela escola, nas diferentes áreas, principalmente nas aulas de Educação física. Estar atento a isso, explicitando sempre que necessário, é uma forma de ajudar os jovens a construir relações de gênero com equidade, respeito pelas diferenças, somando e complementando o que os homens e as mulheres têm de melhor, compreendendo o outro e aprendendo com isso a ser pessoas mais abertas e equilibradas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais colocam que:

“Tratar das relações de gênero com as diferentes faixas etárias convém esclarecer, é uma tarefa delicada. Há alguns mitos associados ao gênero na escola que precisam ser questionados: as disciplinas onde os meninos se saem melhor (Matemática, por exemplo) e as que apresentam melhor aproveitamento pelas meninas (Língua Portuguesa,

por exemplo), no caso da Educação Física os esportes são considerados masculinos ou femininos. Se o professor tem essa crença, mesmo sem perceber pode ajudar a promovê-la, sendo que sua origem pode não ter nenhuma ligação com o sexo biológico e, sim, com experiências vividas que a escola pode alterar.” (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b).

Sendo assim o professor deve cuidar com o que ele passa para seus alunos além dos conteúdos programados, pois conscientemente ou não, suas atitudes influem no comportamento e aprendizagem dos alunos.

São comportamentos e habilidades socialmente desenvolvidos, não tão explícitos, aos quais os educadores precisam estar atentos para não tomá-los como “naturais” e ligados ao sexo biológico, como a forma diferenciada de expressão verbal de meninos e meninas. Estas tendem a usar a linguagem de forma mais indireta e, portanto, mais facilmente são interrompidas em suas dúvidas e não são tão ouvidas pelos professores como os meninos, que tendem a ser mais diretos nas questões. Há também que se considerar que, em função da educação diferenciada, as experiências prévias dos alunos são diferentes das alunas, o que pode significar maior grau de dificuldade na aprendizagem de determinadas atividades. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b).

Na Educação Física também pode acontecer de persistirem antigos estereótipos ligados ao gênero, como a separação rígida entre práticas esportivas e de lazer dirigidas a meninos e meninas. O professor pode intervir para garantir as mesmas oportunidades de participação a ambos os sexos, ao mesmo tempo em que respeita os interesses existentes entre seus alunos e alunas.

A rigor, pode-se trabalhar as relações de gênero em qualquer situação do convívio escolar. Elas se apresentam de forma nítida nas relações entre os alunos e nas brincadeiras diretamente ligadas à sexualidade. Também estão presentes nas demais brincadeiras, no modo de realizar as tarefas escolares, na organização do material de estudo, enfim, nos comportamentos diferenciados de meninos e meninas. Nessas situações, o professor, estando atento, pode intervir de modo que se coloque contra as discriminações e questione os estereótipos associados ao gênero. Um dos momentos e situações em que se faz necessária essa intervenção são os que implicam discriminação de um aluno em seu grupo, com apelidos jocosos e às vezes questionamento sobre sua sexualidade. O professor deve, então, sinalizar a rigidez das regras existentes nesse grupo, apontando para a imensa

diversidade dos jeitos de ser homem ou mulher. Também as situações de depreciação ou menosprezo por colegas de outro sexo demandam a intervenção do professor a fim de se trabalhar o respeito ao outro e às diferenças. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b).

A proposição, por parte do professor, de momentos de convivência e de trabalho com alunos de ambos os sexos pode propiciar observação, descobertas e tolerância das diferenças. Essa convivência, mesmo quando vivida de forma conflituosa, é também facilitadora dessas relações, pois oferece oportunidades concretas para os questionamentos e dos estereótipos associados ao gênero. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b).

Há ainda outro fato que merece muita atenção por parte dos educadores: a violência associada ao gênero. Essa forma de violência deve ser alvo de atenção, pois se constitui em atentado contra a dignidade e até a integridade física das mulheres e dos mais fracos. O fato de os meninos geralmente possuírem maior força física que as meninas não deve possibilitar que ocorram situações de coerção, agressão ou abusos sexuais. É dever do educador intervir nessas situações e encaminhá-las às autoridades competentes além, é claro, de assistir à vítima. Se situações como essas acontecem na escola devem ser alvo de discussão e reflexão por parte da comunidade escolar, a fim de prevenir outras similares e garantir o respeito ao outro. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b).

2.2 – CONCEITOS GERAIS de acordo com VERDIER (2001)

O *sexo gonadal* corresponde aos óvulos – mulher (y) e espermatozóides – homem (x).

O *sexo morfológico* se refere as características que tem os genitais externos femininos e masculinos, assim como as características sexuais secundárias de cada sexo.

O *sexo psicológico* esta intimamente relacionado com a identidade sexual.

O *sexo legal* é aquele que se atribui no momento do nascimento e que esta nos documentos do sujeito.

O *sexo sócio-cultural* é o aceito pela família e pela cultura em relação ao comportamento que os homens e as mulheres devem cumprir. Todas essas vertentes que se articulam em cada pessoa podem coincidir ou não entre si; dependerá de diversas questões hormonais durante o desenrolar da gravidez e a vida pós-natal e a forma que a criança é educada. A identidade sexual pode ou não coincidir plenamente com essas vertentes.

A identidade é uma estruturação psicossocial que permite às pessoas se reconhecerem como si mesmas. É a capacidade para dizer eu sou. Vai se construindo ao longo da vida de acordo com a integração das características básicas da personalidade, as experiências de vida, as relações vinculares fundamentais e as regras culturais.

Os primeiros anos de vida deixam marcas permanentes na constituição de uma identidade saudável ou doente, forte ou fraca, equilibrada ou não.

A identidade sexual faz parte da identidade em geral de uma pessoa.

A identidade de gênero é que leva lugar para a tarefa social para o sexo biológico. É o que a sociedade espera de cada pessoa de acordo com seu sexo feminino ou masculino.

A identidade social é a identidade que cada um assume em função de sua história ou seu desejo, e isto coincide ou não com sua identidade de gênero.

Ambas as identidades (de gênero e social) formam as duas faces da mesma moeda corrente: a identidade sexual.

2.3 – CONHECENDO A SEXUALIDADE INFANTIL

As descobertas de Freud sobre a sexualidade infantil, provocaram grande espanto na sexualidade conservadora do final do século XIX, visto que até esta época a criança era vista como um símbolo de pureza, um ser assexuado.

Ao longo dos tempos, a sociedade vem, pouco a pouco, se familiarizando e compreendendo as diferentes formas de expressão da sexualidade infantil. Sexualidade esta que evolui, segundo Freud, de acordo com etapas de desenvolvimento que ele denominou de fase oral, anal, fálica, latência e genital.

Embora as características de cada uma destas fases estejam amplamente difundidas nos meios de comunicação, de tal forma que os pais possam reconhecer as manifestações desta sexualidade em seus filhos, persiste ainda muito equívocos na forma como eles lidam com esta questão.

Durante a infância ocorre desenvolvimento de jogos corporais onde as crianças vão se descobrindo e amadurecendo.

A sexualidade é reconhecida como um instinto com o qual as pessoas nascem e que se expressa de formas distintas de acordo com as fases do desenvolvimento segundo FREUD, de acordo com BRAGA, 2000, que são:

Fase Oral:

Período de 0 a 1 ano aproximadamente.

Características principais: a região do corpo que proporciona maior prazer a criança é a boca. É pela boca que a criança entra em contato com o mundo, é por esta razão que a criança pequena tende a levar tudo o que pega à boca. O principal objeto de desejo nesta fase é o seio da mãe, que além de alimentar proporciona satisfação ao bebê.

Fase Anal:

Período de 2 a 4 anos aproximadamente

Característica: Neste período a criança passa a adquirir o controle dos esfíncteres, a zona de maior satisfação é a região do ânus.

A criança descobre que pode controlar as fezes que sai de seu interior, oferecendo-o à mãe ora como um presente, ora como algo agressivo.

É nesta etapa que a criança começa a ter noção de higiene.

Fases de birras.

Fase Fálica

Período de 4 a 6 anos aproximadamente:

Características: Nesta etapa do desenvolvimento a atenção da criança volta-se para a região genital.

Inicialmente a criança imagina que tanto os meninos quanto as meninas possuem um pênis. Ao serem defrontadas com as diferenças anatômicas entre os sexos, as crianças criam as chamadas "teorias sexuais infantis", imaginando que as meninas não tem pênis porque este órgão lhe foi arrancado (complexo de castração). É neste momento que a menina tem medo de perder o seu pênis.

Neste período surge também o complexo de Édipo, no qual o menino passa a apresentar uma atração pela mãe e se rivalizar com o pai, e na menina ocorre o inverso.

Fase de Latência

Período de 6 a 11 anos aproximadamente.

Características: este período tem por característica principal um deslocamento da libido da sexualidade para atividades socialmente aceitas, ou seja, a criança passa a gastar sua energia em atividades sociais e escolares.

Fase Genital

Período: a partir de 11 anos.

Características: neste período, que tem início com a adolescência, há uma retomada dos impulsos sexuais, o adolescente passa a buscar, em pessoas fora de seu grupo familiar, um objeto de amor.

A adolescência é um período de mudanças no qual o jovem tem que elaborar a perda da identidade infantil e dos pais da infância para que pouco a pouco possa assumir uma identidade adulta.

2.4 - A ADOLESCÊNCIA E A PUBERDADE

De acordo com ANDRADE & MELLO (1992) a palavra “adolescer” vem do latim que quer nos dizer “crescer”, “engrossar”, “tornar-se maior”, “atingir a maioridade”. Esse período é demarcado por uma época de alterações muito rápidas e de grandes desafios. Além da maturação física que é apenas uma parte desse processo, pois os adolescentes se defrontam com uma ampla variedade de exigências psicossociais que se processam para alcançarem a maturidade biopsicossocial e alcançarem sua evolução em todos os sentidos.

A puberdade é a terceira fase de crescimento somático acelerado, depois da fase intra-uterina e de um pequeno crescimento acelerado na infância (entre 6 e 8 anos de idade), também chamado de crescimento intermediário (Butler et al., 1990; Gasser et al., 1985; 1991; Molinari et al., 1980, citados por DUARTE, 1993). Quando na puberdade, o crescimento em estatura chega a 12 e 14 cm/ano em meninas e

meninos, respectivamente, sendo que as primeiras amadurecem em torno de dois anos mais cedo. (Eveleth & Tanner, 1990, citado por DUARTE, 1993)

Segundo GUYTON, 1988, a etapa de desenvolvimento chamada puberdade é caracterizada quando a hipófise anterior começa a secretar dois hormônios gonadotrópicos: hormônio folículo estimulante e hormônio luteinizante, que estimulam o desenvolvimento e a função testicular nos meninos e participa da regulação do ciclo feminino mensal, desencadeando o início da vida sexual.

O psicólogo paulista Eustáquio S. Andreotti, citado por NAVARRO 1999, especializado em sexologia, afirma que “não podemos dizer se existe um tempo cronológico para amadurecer sexualmente. Isso é muito pessoal, pertence à própria história de cada um e reflete a maneira como ele trabalhou as questões sexuais desde a infância”.

A adolescência é um período naturalmente caracterizado por indefinições. Ao atingir a puberdade – o desenvolvimento das características sexuais secundárias – o indivíduo perde o corpo infantil e ao mesmo tempo as nítidas qualidades emocionais que apresentava até então. Estabelece-se uma fase de temperamento indeciso. Ao mesmo tempo quer crescer e ser criança, quer lutar, mas não sabe como, sofre com as transformações, hora chora, hora ri, sente tristeza e solidão, às vezes euforia. (NAVARRO 1999)

As mudanças físicas incluem alterações hormonais que, muitas vezes provocam estados de excitação difíceis de controlar, intensifica-se a atividade masturbatória e instala-se a genitalidade. É a fase de novas descobertas e novas experimentações, podendo ocorrer as explorações da atração e das fantasias sexuais com pessoas do mesmo e do outro sexo. A experimentação dos vínculos tem relação com a rapidez e a intensidade da formação e da separação de pares amorosos entre os adolescentes. (BRASIL, Secretaria de Ed. Fundamental, 1998 b).

Nesta fase em que o adolescente questiona os valores, as idéias e o comportamento dos pais é fundamental receber o apoio deles. Compreensão e certa liberdade para por a prova seus conteúdos, porém longe da liberdade sem limites, pois é através deles que o adolescente vai perceber que é amado e protegido.

Infelizmente, a atual vida moderna conduz os pais à distância de seus filhos e muitas vezes quando surgem as dúvidas e temores os jovens são obrigados a consultar outros jovens tão “indefesos” quanto eles. Sozinhos, pressionados pelo

grupo a que fazem parte, muitas vezes tomam decisões sem pensar nas conseqüências ou nas falhas que acarretaram responsabilidades que ele ainda não está pronto para encarar.

Por esta razão, a orientação dos pais sobre todos os aspectos da sexualidade é valiosa e imprescindível.

Uma das questões básicas para o desenvolvimento da sexualidade de forma mais tranqüila é o fato de que o jovem conhece muito pouco de seu próprio corpo a partir dessa afirmação coloca-se a importância de se ter uma Orientação Sexual para os jovens.

2.4.1 - CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS FATORES DETERMINANTES DO FENÔMENO DA ADOLESCÊNCIA

A caracterização da adolescência não constitui tarefa muito fácil, porque aos fatores biológicos específicos, atuantes na faixa etária, se somam as determinantes sócios-culturais, advindas do ambiente onde o fenômeno da adolescência ocorre. (CAMPOS, 1987)

No desenrolar da adolescência, o indivíduo é particularmente vulnerável não só aos efeitos decorrentes da transformação biológicas ocorridas em seu corpo, mas também das mudanças sem precedentes, provocadas, no mundo moderno, pelo impacto das explosões demográficas, do progresso científico, da tecnologia, das comunicações das novas aspirações humanas e da rápida transformação social. (CAMPOS, 1987).

Além dos fatores biológicos, a adolescência é influenciada pelo ambiente familiar, social e cultural onde o indivíduo se desenvolve. (CAMPOS, 1987).

As atitudes dos adultos, para com os adolescentes, tendem a ser ambivalentes e, na maioria das vezes, negativas, assumindo a forma de severas críticas, endereçadas aos adolescentes, não tanto como indivíduo, mas como uma geração que representa ameaça para ordem social existente, criando a chamada luta entre as gerações. (CAMPOS, 1987)

A sociedade cria todo um universo de regras, leis, costumes, tradições e práticas, visando perpetuar os valores comumente aceitos e enfrentar os problemas

experimentados por todos os membros. Todas essas formas socialmente padronizadas de comportamento constituem a cultura da sociedade. (CAMPOS, 1987).

A maturação social, mental e emocional que, gradativamente, ocorre no desenvolvimento individual, durante a transição para o estado adulto, é acompanhada por uma ampla variedade de definições e reações culturais. (CAMPOS, 1987).

As sociedades estabelecem seus próprios critérios para definição do estado adulto, mas em termos de tradição social do que maturidade biológica. As culturas variam, acentuadamente, nas definições do estado adulto, pois os meios culturais diferem muitíssimo e de formas surpreendentes, produzindo adultos típicos, visivelmente diferentes. O temperamento nacional – por exemplo, a reserva inglesa ou a vivacidade francesa – resulta muito mais de diferentes expectativas e procedimentos culturais, em relação às crianças e adolescentes, do que de herança racional. (CAMPOS, 1987).

Em quase todas as culturas existem dois grupos de critérios empregados na definição ou no reconhecimento do estado adulto: os que definem a função como, por exemplo, ganhar a vida, e os que definem o status, como, por exemplo, o direito de votar aos tantos anos de idade. (CAMPOS, 1987).

O reconhecimento formal do status de adulto repousa, sobretudo, no atingimento de metas tradicionalmente definidas. (CAMPOS, 1987).

Entretanto, a adulticia funcional baseia-se em critérios diferentes e relacionam-se com os papéis responsáveis, que a pessoa assume. Essa definição de funções é mais tácita e implícita, existindo, porém em termos de responsabilidades assumidas ou delegadas, das quais as quatro principais categorias de responsabilidades social são: o indivíduo, o cônjuge, a prole e a sociedade. Naturalmente, o indivíduo não precisa assumir todas essas responsabilidades para ser considerado adulto. (CAMPOS, 1987).

2.4.2 - OUTRAS TRANSFORMAÇÕES DA PUBERDADE E EFEITOS PSICOSSOCIAIS

Dentre os principais fenômenos psicossociais, normalmente decorrentes quase diretamente, das mudanças ocorridas com a puberdade, podem-se enumerar ainda os seguintes: (CAMPOS, 1987).

- 1) Preocupação com excesso de peso: meninos interpretam a obesidade como qualidade infantil e as meninas se julgam pouco atraente.
- 2) Sentimento de culpa causado pelas meninas, como se fossem capazes de trair atividades e sentimentos secretos.
- 3) Ação impulsiva, parecendo patológica, como decorrência do ímpeto das forças instintivas, exacerbadas com a puberdade.
- 4) A reprovação das descargas sexuais, recém advindas com a maturidade sexual, pode levar ao supremo desafio entre as moças, com a promiscuidade sexual e, entre os rapazes, com um ato agressivo, como roubo.
- 5) O ascetismo, isto é, uma tentativa para negar, inteiramente, os pulsos instintivos, e a intelectualização são formas de defesas, empregadas contra a ameaça dos impulsos sexuais e agressivos aumentados e provocadores de vergonha e sentimento de culpa, a quem sede as suas exigências.

2.5 - MATURAÇÃO SEXUAL

De acordo com DUARTE (1993), maturação é a variação na velocidade e no tempo em que o indivíduo atinge a maturidade biológica.

Conforme PIKUNAS (1979), o processo inteiro de maturação sexual exige cerca de três anos, porém as diferenças individuais são grandes. Maturidade sexual implica capacidade para gerar um filho.

O advento da maturação sexual nas meninas, muitas vezes é um fenômeno abrupto que exige reajustamentos emocionais e sociais imediatos. O processo é menos súbito nos meninos; suas necessidades de reajustamento surgem mais gradualmente. A transição de sexualidade fisiológica imatura para madura leva aproximadamente um ano. Esta transição constitui o pico das mudanças puberais. O

crescimento no sistema reprodutivo influencia grandemente as experiências, atitudes e comportamento do indivíduo que cresce. Os efeitos do crescimento sexual e a maturação do autoconhecimento do indivíduo são gerais e não podem ser enfatizados em demasia. (PIKUNAS, 1979)

Quando as alterações puberais aparecem comparativamente cedo, o crescimento estrutural é mais gradual e regular do que na maioria dos casos de crescimento tardio. Se começar tarde, quase sempre o crescimento é turbulento e menos integrado. A aceleração rápida no crescimento traz inquietação, a fadiga e perturbações nas experiências emocionais. (PIKUNAS, 1979)

2.5.1 - ALGUNS EFEITOS PSICOLÓGICOS DA MATURAÇÃO SEXUAL PRECOCE E TARDIA.

Vários estudos verificaram que as transformações corporais, que ocorrem durante a adolescência, podem causar um importante choque psicológico. Enquanto que um ameenina experimenta desvantagens por amadurecer muito cedo, um rapaz pode levar vantagens pela maturação precoce. (CAMPOS, 1987)

O tamanho, as proporções do corpo e outras características que acompanham a maturação sexual precoce na menina podem dificultar a aceitação recíproca das meninas em termos iguais. Além disso, ela esta fisicamente desenvolvida numa época em que a maioria dos rapazes de sua idade são ainda infantis e não podem apreciar os seus atributos físicos. E ainda, esta menina pode ser fisicamente madura, sem ter alcançado a maturidade social ou intelectual correspondente. Nesse caso, não lhe será fácil associar-se às meninas mais velhas semelhantes à ela, em desenvolvimento físico. (CAMPOS, 1987).

Pode-se também verificar o aparecimento de conflitos especiais, pois é provável que os pais encarem a menina como criança e levatem embaraços aos seus encontros, não permitam que se vista como moça, etc. (CAMPOS, 1987).

Por outro lado, a maturação precoce pode trazer vantagens, por exemplo, quando a menina tem que conviver em um grupo em que as pessoas mais influentes amadureceram precocemente. (CAMPOS, 1987).

A maturação tardia também pode trazer desvantagens, levando a menina a se sentir excluída de um grupo, quando suas companheiras já amadureceram fisicamente. As meninas com quem andava estão em pleno despontar da adolescência, querem passar por moças e não mais desejam sua companhia, pois no cinema aparenta ter menos idade para entrar, etc. (CAMPOS, 1987).

Em contraste com as meninas, o rapaz precocemente amadurecido pode usufruir de certas vantagens. Será por algum tempo, mais forte do que os outros rapazes, mesmo que, mais tarde, alguns destes venham a ultrapassá-lo em altura e peso. Na qualidade de mais alto e forte terá vantagem em desportos, nas competições, podendo gozar de prestígio e popularidade no campo desportivo. (CAMPOS, 1987).

Uma pesquisa verificou que os rapazes precocemente amadurecidos eram mais atraentes, menos afetados e mais comedidos, quando julgados pela observação de seu comportamento. (CAMPOS, 1987).

3 – METODOLOGIA

Este estudo tem como característica uma pesquisa bibliográfica acerca dos aspectos da sexualidade infantil, para isto procurou-se abordar tópicos relacionados a: gênero na sexualidade, sexualidade infantil, adolescência e puberdade, efeitos psicossociais da puberdade e adolescência e maturação sexual.

Este tema foi escolhido após observações feitas em crianças e pré-adolescentes durante as aulas de educação Física nas escolas onde realizei os estágios dentro da graduação.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias de formas diferentes. Por não se restringirem ao âmbito individual é necessário contextualizá-la social e culturalmente, porque são nas relações sociais que se definem padrões de valores e direitos.

A exposição excessiva da criança à mídia, que tem feito uso abusivo da sexualidade através de músicas e objetos de consumo, dentre outros, está fazendo com que, cada vez mais cedo, a criança tenha atitudes relativas à sexualidade e erotização, intensificando suas vivências amorosas, algumas até achando erroneamente ser o momento de se envolver na atividade sexual.

A iniciação no mundo sexual pode trazer implicações como gravidez indesejada, DSTs, diminuição da auto-estima e respeito consigo e com o próximo.

Os professores precisam se mostrarem disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma direta e esclarecedora. As informações corretas são fundamentais para o bem-estar e tranquilidade da criança, para uma maior consciência de seu próprio corpo, elevação da auto-estima e, portanto, melhores condições de prevenir as DSTs, gravidez indesejada e abuso sexual.

O professor de Educação Física muitas vezes é o que tem mais intimidade com os alunos e ocupa um papel importante nessa questão, pois é ele quem observa os comportamentos dos alunos e seus relacionamentos com os colegas do sexo oposto e do mesmo sexo. Muitas vezes é para o professor de Educação Física que os alunos contam suas intimidades sobre relacionamentos afetivos. Sendo assim deve-se dar uma maior importância às atitudes dos alunos e também orientá-los para que seu ingresso na vida sexual seja feito de forma apropriada e com segurança.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE P. A.; MELLO. C. R. (Editores). **Temas de Sexualidade Humana**. Curitiba. Relisul. 1992, 172p.

BARROS, C.; PAULINO, W. R. **O Corpo Humano**. São Paulo. Ática. 1998.

BRAGA, MARILANDES R. **Percepção do adolescente sobre a importância da educação sexual na escola**. Presidente Prudente: Dissertação (Mestrado) – Universidade do Oeste Paulista, 2000, 103p. Disponível em <<http://sites.uol.com.br/marilandes>>

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **PCN. Educação Física**. Brasília MEC/SEF, 1998. 114p

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998. 436p.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.

BONAMIGO, L. R.; KOLLER, S. H. A influência de papéis sexuais estereotipados no projeto de vida de adolescentes de níveis socioeconômicos alto e baixo. **Estudos de Psicologia**. CAMP, v. 12, n 3, p. 47-59. set/dez, 1995

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Adolescência**. Vozes, 11ª ed. Petrópolis, 1987, 160p.

DUARTE, Maria de Fátima. **Maturação Física: Uma Revisão de Literatura, com Especial Atenção à Criança Brasileira**. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 9 (supl. 1):71-84, 1993.

FURLANI, Jimena. **“Mitos e Tabus da Sexualidade Humana: subsídios ao trabalho em Educação Sexual.”** CEPEC, Florianópolis, 1998, 192p.

GIRARDI, Vânia L. **“Gênero relacionado à sexualidade nas aulas de Educação Física”**. Curitiba, 1996. Monografia (Graduação Em Licenciatura em Ed. Física) universidade Federal do Paraná.

GIROLAMO, F. P. Erotismo e pornografia. **Catharsis Revista de Psicologia**. Disponível em <<http://www.revistapsicologia.com.br>>

GUYTON, Arthur C. **Fisiologia Humana**. Guanabara Koogan. 6ª Edição - 1988.

KNOBEL, M. Adolescente e sexualidade. **Estudos de Psicologia**, v. 1, n 3 e 4, p.57-73. ago/dez. Campinas.1984

LIMA, Helena. **Educação Sexual para Adolescentes**. [S.l.: s.n. s. d.]

LOURO, Guacira Lopes. *“O Corpo Educado- Pedagogias da Sexualidade”*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 176p.

MAYLE, Peter. **“O que está acontecendo comigo?”: guia para a puberdade com respostas às perguntas mais embaraçosas do mundo**. Texto de Peter Mayle; ilustrações de Arthur Robins; Tradução de Ruth Rocha.- São Paulo, Nobel

MOREIRA, Maria I. C. Gravidez em mulheres adolescentes é problema? Elementos para análise da construção de significado. **Caderno de Psicologia**, Belo Horizonte, v.6, n. 8, p. 44-54, jul. 1999.

NAVARRO, S. S. **A Adolescência e o Sexo**. Curitiba, 1986. Monografia (Graduação em Psicologia) Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Tuiuti.

PIKUNAS, J. **Desenvolvimento Humano: uma ciência emergente**. São Paulo. McGraaw-Hill do Brasil, 1979.

SANTOS, L. R. Antes do namoro, o ficar. **Catharsis Revista de Psicologia**. Disponível em <<http://www.revistapsicologia.com.br>>

SENATORE, R. C. M. Freud e a sexualidade infantil: Os três ensaios, **Departamento de Psicologia da Educação. F.C.L. – Araraquara** ano IV, v.4, n.1 jan/jun. 1998.

SOARES, G. F. Educação sexual: limites e competências da escola. **Momento** Rio Grande, n.12: p.89-95, 1999.